

# O MILITAR PERANTE A CRISE

## ATITUDES<sup>1</sup> E COMPORTAMENTO

*Gen Ex Ref Alberto Cardoso*



*Este artigo esboça um método de (1) análise da conduta das Forças Armadas na atual crise abrangente da política, da ética, da moral e da economia brasileiras, e (2) previsão do seu comportamento em eventuais situações semelhantes. Ele sugere valores da cultura militar como referenciais para a compreensão das atitudes e comportamentos presentes e dos possivelmente vindouros. Nesse sentido, é um prolongamento da matéria Valores Militares – Axiologia Aplicada, da edição de agosto de 2015 <sup>2</sup>, na qual analisamos alguns valores militares, ampliando pragmaticamente o rol tradicional e alertando para que o critério de seleção fora sua aplicabilidade no fortalecimento da identidade e da eficiência operacional da corporação. Foi o que nos levou a classificar algumas virtudes e características militares fortes como valores da nossa cultura. Naquela oportunidade, acrescentamos que eles não se esmaecem na cultura militar porque são realmente praticados por nosso pessoal no cotidiano.*

Muitos militares reformados lembram-se de alguns equipamentos antigos gravados com as letras E.N. – Exército Nacional. Sem dúvida, a sigla presente, EB - Exército Brasileiro, é mais abarcante, por encerrar Nação e Estado. Mas aquele N insculpido no alumínio do cantil, do caneco, da marmita e dos talheres articulados tinha a magia de nos lembrar, a cada gole ou garfada, de que éramos um

punhado de pessoas a servir de liame permanente entre o Exército e a Nação, que é o povo imbuído do sentimento nacional, ao qual sempre pertencemos.

Saudosismo à parte, aquela denominação legou a mesma significância à atual. Da mesma forma que os irmãos marinheiros e aviadores, os soldados verdes-olivas somos nacionalistas. Temos orgulho de pertencer à nossa Nação e ter recebido

<sup>1</sup> Atitude – simplificada é a predisposição para determinado comportamento.

<sup>2</sup> Publicada na Revista DaCultura nº 25, que pode ser lida na página da FUNCEB. ([www.funceb.org.br](http://www.funceb.org.br))

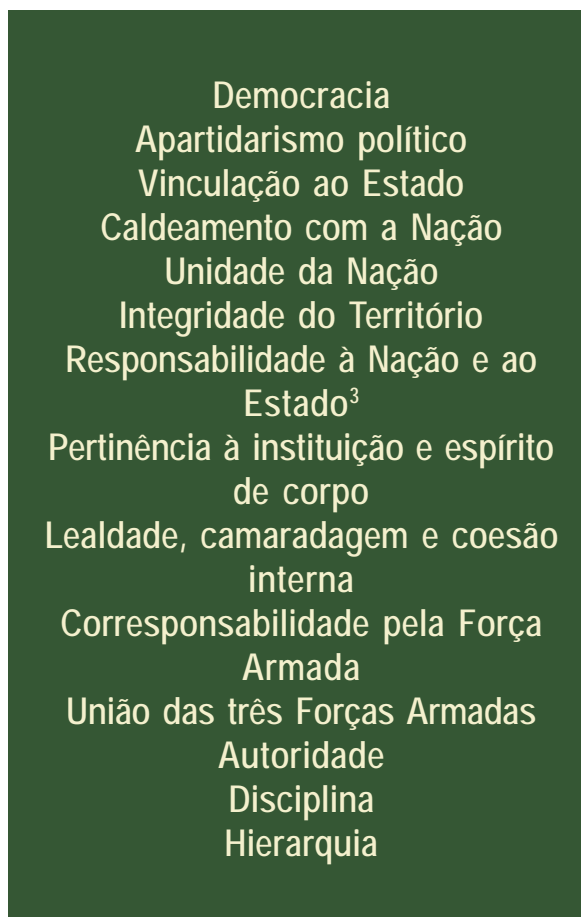
dela, pela via constitucional, o dever de defender a Pátria como “instituições nacionais permanentes”. Isso tem um sentido muito profundo, que nos marca como se fora atavismo que não salta gerações, arraigando-se, uma após outra, em cada indivíduo fardado que, no juramento à Bandeira, prometeu dedicar-se “inteiramente ao serviço

*Um conceito só se transformará em valor se for aplicável e influir fortemente na evolução da cultura; senão, jazerá e finalmente morrerá*

da Pátria” e a defender sua “honra, integridade e instituições com o sacrifício da própria vida”. É um compromisso entranhado tão poderosamente no nosso ser, desde os momentos iniciais na caserna, que a minimização do espírito de sobrevivência pessoal em prol do País passa a fazer parte do subconsciente. Nunca é demais reiterar que essa atitude dominante resulta da síntese de predisposições pessoais induzidas por valores da cultura militar.

Se os valores têm tal influência sobre o comprometimento de pessoas naquela que é a pior das crises, a guerra, pode-se duvidar de sua força indutora durante as conjunturas adversas de menor escala?

Devido à linha que desejamos dar a este artigo, destacamos, dentre aqueles valores do artigo de 2015, os que se seguem (quadro 1), de acordo com sua utilidade para a compreensão e previsão do comportamento das corporações militares federais em situações de crise nacional.



Quadro 1. Configuração de uma árvore de valores.

Eles são indutores das atitudes que condicionam o procedimento em geral, seja em situações nacionais de normalidade seja nas não ordinárias. Exemplo emblemático destas últimas para o nosso tema é o comportamento das Forças absolutamente coadunado com a Constituição, durante os processos de impeachment de presidentes da República em 1992 e 2016. Em casos especificamente operacionais, outros conjuntos de valores se comporão naturalmente, de modo quase instantâneo, e influenciarão os comportamentos, sem que haja uma intenção ou determinação do tipo “agora, nossos va-

<sup>3</sup>*Responsabilidade* está empregada na conotação de obrigatoriedade de prestar contas à Nação e ao Estado. Ainda resistimos a adotar os neologismos *responsabilidade* ou *responsividade* e o vocábulo inglês *accountability*.

lores prevalentes serão tais”. Uma constante estará sempre presente: os comportamentos preventivos ou reativos dos profissionais militares se externalizam a partir de predisposições conformadas por valores incorporados em meses ou anos de caserna e repassados por gerações de camaradas. As “árvores” figuradas pelos diversos conjuntos se apoiarão invariavelmente no mesmo tronco de autoridade-disciplina-hierarquia.

Além disso, o grupo de atitudes que impulsionam a conduta inicial em dada situação não se mantém, necessariamente o mesmo todo o tempo. Mudanças das circunstâncias podem alterar o balanço se um valor de grande peso – integridade do território, por exemplo – for colocado em risco. Então, o comportamento decorrente da chamada estratégia de dissuasão (observação, expectativa e capacitação) pode se transformar em uma forte operação militar preventiva ou de retaliação. E, nesse exemplo, surgirá nova configuração de valores indutores de atitudes que impulsionarão formas de procedimentos de combate no teatro de operações e campos de batalha. Veja o quadro seguinte:<sup>4</sup>

Até este ponto, julgamos ter dado uma noção da tese de que o comportamento das instituições militares e de seu pessoal é reflexo de atitudes fortemente marcadas pelos valores da cultura da profissão incorporados pelos seus membros. Por sinal, da mesma forma que deveria ocorrer nas demais organizações. Se novidade houve foi a afirmação de que (1) os valores militares proclamados são realmente praticados

Responsabilidade à Nação e ao Estado  
Patriotismo e defesa da Pátria  
Integridade do Território  
Soberania e Motivação  
Unidade de comando  
Trabalho em equipe  
Visão operacional  
Combatividade  
Dinamismo  
Execução  
Coragem  
Iniciativa  
Vontade  
Autoridade  
Disciplina  
Hierarquia

Quadro 2. Configuração da árvore de valores em operações de defesa externa.

e condicionam efetivamente os comportamentos; (2) há os que prevalecem em cada situação; e (3) a configuração deles na aplicação é flexível, adaptando-se de forma natural às circunstâncias variáveis. Esses comentários simples podem ajudar o observador a compreender e até prever o comportamento das Forças Armadas em momentos históricos da vida nacional ou em hipóteses para estudos prospectivos. Isso nos permite fixar o foco no caso das crises.

Parece-nos uma boa e atualíssima referência analisar os valores que vêm prevalecendo na conduta das instituições militares federais durante a longa crise que:

<sup>4</sup> Perceba que o valor *autoridade* gerou outro, *unidade de comando*, que também é princípio de guerra fiador da articulação, harmonização e sincronização das ações.

(1) subjazia latente desde o escândalo escamoteado dos Correios (maio de 2005) e veio a furo fortemente em junho de 2005 com o escândalo do Mensalão;

(2) amainou com o início do julgamento dos réus no Supremo Tribunal Federal e com a reeleição de 2006;

(3) recebeu os adendos dos reflexos da crise econômica mundial de 2008 e anos seguintes;

(4) atravessou a eleição presidencial de 2010 e a posse da presidente com a herança das sequelas do Mensalão e de vultosos restos a pagar;

(5) testemunhou as manifestações populares de 2013, de insatisfação com o retorno dado pelo Estado à confiança dos contribuintes em lhe confiar o bom uso dos impostos. Elas foram mal compreendidas pelos governantes “sem noção” e logo esvaziadas pelo arrivismo plantado dos “blackblocs” e sua violência;

(6) viu a má gestão e o populismo serem agravados pelos efeitos da debilitada economia internacional, acobertados nos gabinetes federais brasileiros;

(7) percorreu todo o ano de 2014 com manifestações populares multitudinárias, seja contra a corrupção sistematizada pelo governo e a bolivarianização do País, seja, por outro lado, em defesa do governo;

(8) chegou à apertada reeleição de 2014, já agravada pelos fatores do escândalo do Petrolão, das espantosas revelações da operação Lava Jato e da gestão econômica populista e eleitoreira. Como fora antecipado em ato falho, realmente valeu “fazer o diabo”, inclusive tábula rasa da Lei de Responsabilidade Fiscal e do equilíbrio das contas do Tesouro;

(9) testemunhou nesse evento eleitoral a nítida divisão do eleitorado;

(10) assumiu dinâmica definitiva, em 2015, com a constatação das grandes mentiras reeleitorais;

(11) incorporou a diatribe do ex-presidente, que tentou dissuadir a reação popular e as investigações da Lava Jato, com a ameaça de emprego do “exército do Stédile”;

(12) ficou escancaradamente potencializada pelo processo do impeachment no primeiro semestre de 2016;

(13) viu o surgimento inegável de um novo poder moderador, com a intervenção do Supremo Tribunal Federal na Câmara de Deputados, afastando seu presidente;

(14) com o afastamento da presidente, estabilizou-se precariamente, mantendo o potencial de agravamento, mesmo com a posse do presidente da República interino; e

(15) segue aos pulsos, empunhando a espada de Dâmocles das gravações comprometedoras de ministros do novo governo, da espera ansiosa das novas fases da saneadora operação Lava Jato, das prisões dos antes inatingíveis e das incertezas quanto ao julgamento do impeachment no Senado. Colateralmente, convive com o *jus sperniandi* doméstico e internacional da presidente afastada e seus apoiadores renitentes, que inclui manifestações de rua articuladas em todos os estados.

E as Forças Armadas? Como vêm se comportando?

O quadro 3 apresenta apenas os valores do quadro 1 que guardam relação com a pergunta, por serem balizadores da conduta dos militares requerida, nessa quadra da vida nacional, pela Constituição,

Democracia  
Apartidarismo político  
Vinculação ao Estado  
Caldeamento com a Nação  
Unidade da Nação  
Responsabilidade à Nação e ao Estado  
União das três Forças Armadas  
Autoridade  
Hierarquia  
Disciplina

Quadro 3. Valores indutores da conduta militar diante da crise

pelo regime democrático, pela República e pelo Estatuto dos Militares. Se aplicado à conjuntura do processo de impeachment e renúncia do presidente em 1992, veremos que o comportamento das Forças Armadas, na época, foi idêntico ao de agora, ditado pela influência dos mesmos valores, ainda que tenha havido diferenças entre as circunstâncias de ambas as crises, inclusive os procedimentos diferenciados dos dois réus após o afastamento.

Qualquer que seja o valor selecionado para embasar a análise da conduta das Forças Armadas durante a conjuntura de crise política, moral e econômica que assola o País, a conclusão apontará para um comportamento caracterizado pela maturidade, serenidade, expectativa, atenção, equilíbrio, disciplina, coesão e capacitação contínua para eventual emprego previsto pela Constituição. Isso não significa que as Forças estejam omissas ou não preocupadas com os possíveis desdobramentos dessa situação tão sensível. Simplesmente quer di-

zer que elas estão cumprindo o papel que lhes cabe na democracia e lhes é ditado pela Constituição, coerentemente com a cultura do militar profissional.

É uma postura que vem se mantendo inalterada, não obstante ocorram fatos que mexem com o brio militar. Tome-se, por exemplo, a reação à autocrítica do Partido dos Trabalhadores, ao qual pertence a senhora que até há pouco tempo era comandante constitucional suprema das Forças Armadas. A Resolução sobre a Conjuntura, do diretório nacional, do dia 17/05/2016, é, para os militares, um ato falho de confissão sobre o desejo de aparelhar também as Forças, à semelhança do que fora feito na maioria dos órgãos federais. Nela, o PT lamenta ter sido “descuidado com a necessidade de (...) modificar os currículos das academias militares; (e) promover oficiais com compromisso democrático e nacionalista”. Uma lamúria certamente endossada pela ex-comandante, que em 2015 já houvera dado mostra da mesma intenção, cassando competências dos comandantes.

Notas fortes e, como de costume, equilibradas dos comandantes das Forças e dos três clubes militares foram as únicas e necessárias reações dessas instituições tão ciosas justamente de seu espírito democrático, do arraigado nacionalismo do pessoal, do apartidarismo político e da inarredável vinculação ao Estado. Provavelmente, nada além acrescentarão ao assunto, pois, afinal, trata-se de um partido que não mais preside o País. Página virada, mas registrada.

Conduzirem-se de forma impoluta em crises nacionais políticas e éticas tem fortalecido a auto-estima e a coesão das Forças Armadas, consolidado sua cre-



dibilidade perante a Nação e embasado o processo de aperfeiçoamento da democracia. Esses são alguns corolários da comprovação, na prática, do nosso respeito aos valores que proclamamos. A consistência de nossa conduta sem nódoa vem transformando o tempo em aliado infalível. A Nação espera isso de seus militares, para nos manter no topo da lista de confiabilidade, posição conquistada pelas gerações sucessivas.

Ao final, cabe nova referência ao tronco autoridade-disciplina-hierarquia, preeminente em todos os tempos.

Não fora o alinhamento das gerações na evocação e consolidação dos valores, por meio da continuidade de ação de comando educativa, desde os antigos ministros militares, talvez não pudessemos estar nos orgulhando da solidez dos nossos valores e da garantia do comportamento individual e coletivo nos períodos de normalidade política e, sobretudo, de crises. Um comportamento respaldado na compreensão perfeita da disciplina e da corresponsabilidade pelo desempenho do papel das Forças Armadas na consolidação da democracia brasileira.



#### **ALBERTO MENDES CARDOSO**

Oriundo da Arma de Infantaria, foi declarado aspirante-a-oficial em 20 de dezembro de 1962, alcançou o Generalato em 31 de março de 1994.

Foi Ministro de Estado de Segurança Institucional de 1995 a 2002.

Como General de Exército chefiou a Secretaria de Ciência e Tecnologia da Informação de 2003 a 2005 e o Departamento de Ciência e Tecnologia do Exército de 2005 a 2006.

É professor Emérito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e membro do conselho executivo do Instituto Meira Mattos - IMM.